

VISCONDESSA CAVALCANTI

Neusa FERNANDES ¹

Resumo: O artigo apresenta a biografia da Viscondessa Cavalcanti, uma bela mulher de alto porte, colecionadora sensível que teve uma vida social intensa, recebendo semanalmente, nos salões de seu palacete, para encontros literários e recitais. Ela colecionou miniaturas, pinturas, moedas e medalhas. As coleções da Viscondessa Cavalcanti datam do século XIX e guardam uma característica artística.

Palavras-chave: Salões; Viscondessa; Século XIX.

Résumé: L'article présente une grande personnalité, une belle femme de haute taille, collectionneuse sensible, qui a vécu une vie social lumimeuse. En semaine, elle ouvrait sa maison pour receptionner. Elle a collectionné miniatures, peintures, monnaies et médailles. Les collections de Vicontesse Cavalcanti datent du 19^e siècle, et gardent un caractère artistique.

Mots-clés: Salles; Vicontesse; Siècle XIX.



Figura 1: Amélia Machado Cavalcanti e Albuquerque, Viscondessa Cavalcanti.

¹ Pós doutora em História. Vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro- IHGRJ. Atividades de Pesquisa: Inquisição no Brasil especialmente em Minas Gerais. Docência de História. Publicações recentes: Efemérides Cariocas e Almanaque das Revoltas Populares. E-mail: neusafer30@gmail.com

Amélia Machado Cavalcanti e Albuquerque, Viscondessa Cavalcanti, nasceu em 7 de novembro de 1853, no Rio de Janeiro. Era sobrinha de Mariano Procópio e prima de Alfredo Ferreira Lage, fundador do Museu Mariano Procópio¹, em Juiz de Fora. Filha do Doutor Constantino Machado Coelho de Castro, de família da elite portuguesa, oriunda da região de Nossa Senhora dos Prazeres da Freguesia de Verde. Sua mãe era D. Mariana Barbosa de Assis Machado, de família abastada, proprietária rural. Amélia e seu irmão Constantino tiveram esmerada educação: estudaram artes e ciências, tendo Constantino se formado em Medicina, no Rio de Janeiro. Amélia teve primorosa educação francesa e se tornou uma reconhecida colecionadora, como seu primo Alfredo Ferreira Lage, com quem dividiu residência na Vila Ferreira Lage, conhecida como o Castelinho da família. Mulher bela, elegante, inteligente, culta, numismata e criteriosa colecionadora, foi considerada uma das mais importantes damas, de grande prestígio, no segundo reinado. Requitada, foi a sexta mulher a ingressar no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em 5 de agosto de 1905, sucedendo a Marie Rennotte, Mary Robinson Wright, Júlia Lopes de Almeida, Veridiana Valéria da Silva Prado e Ibrantina Cardona.

Em 1871, aos 18 anos, Amélia Machado Coelho e Castro casou-se com Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, 42 anos, bacharel em Direito, reconhecido político, que exerceu mandatos de deputado provincial, deputado- geral, senador do Império, pelo Rio Grande do Norte, além de ter ocupado o honroso cargo de Ministro de Estado, de 1875 a 1879. Descendente de importante família pernambucana, seu pai foi Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque e sua mãe Ângela Sophia Cavalcanti Pessoa, coproprietários do engenho Baixa Verde, situado na Comarca Nazaré da Mata, em Pernambuco. Parte dessas terras foi vendida a *The great Western Company of Brazil Ltda*, para construir a Estrada de Ferro Nazaré Timbaúba. O casal teve dois filhos, nascidos na França: Stella, em 1872, futura Marquesa de Mashanaglass e, no ano seguinte, Fernando, que se formou engenheiro no Brasil. Pelos relevantes serviços prestados, Diogo Velho Cavalcanti foi agraciado com o título de “Visconde com honras de grandeza,” por decreto de 30 de maio de 1888, concedido por D. Pedro II. Recebeu, ainda, a Comenda da Grão- Cruz da Ordem de Cristo e Comenda da Grão- Cruz da Ordem de Nossa Senhora da Conceição da Vila Viçosa de Portugal e a de Grande Oficial da Legião de Honra da França.

Amélia passou a usar o sobrenome do marido, Cavalcanti e Albuquerque, e o título Viscondessa Cavalcanti. Vale lembrar que o Visconde assinou, como testemunha, o atestado de óbito do imperador D. Pedro II.

¹ O Museu Mariano Procópio está localizado em Juiz de Fora, em Minas Gerais. Foi o primeiro museu criado no rico Estado de Minas Gerais, obra de Alfredo Ferreira Lage, primo da Viscondessa Cavalcanti e filho de Mariano Procópio Ferreira Lage. Alfredo foi também construtor da primeira estrada de rodagem macadamizada no Brasil, que ligava as cidades de Juiz de Fora a Petrópolis, entre 1856 a 1861.

Às vésperas da proclamação da República, D. Pedro II nomeou Diogo Velho Comissário do Brasil junto à exposição Universal de Paris, ocasião em que honrou a Viscondessa com medalha de ouro, por suas coleções. Vale ressaltar que a Viscondessa colecionou, além de medalhas e moedas, pinturas, pedras preciosas, miniaturas e cartões postais. Com a chegada da República, o casal preferiu continuar morando em Paris. Regressaram ao Brasil, em 1899, por motivo da doença do Visconde que escolheu passar seus últimos dias em sua terra. Morreu em Juiz de Fora, Minas Gerais, em junho de 1899. Viúva, a Viscondessa Cavalcanti voltou para a França.

Colecionadora sensível, a Viscondessa Cavalcanti foi a maior colaboradora do Museu Mariano Procópio em Juiz de Fora, ao qual doou grande parte de sua coleção, composta de dois desenhos do pintor Léon Bonnat; 104 pinturas em miniatura, parte de sua *Coleção de pinturas em miniatura, a arte que cabe na palma da mão*, abrangendo retratos, paisagens de natureza morta; cerca de 5.000 cartões- postais, distribuídos em diversos álbuns, organizados pela própria colecionadora. Os álbuns são luxuosos, com encadernação de couro, monograma em dourado e as iniciais VC estilizadas, em formato de ramos de folhas. Encimando o monograma, coroa incrustada com pedras roxas. A ilustração da capa apresenta, em primeiro plano, um pássaro em alto relevo. Doou também as suas coleções de cartas e de moedas; peças e objetos variados, incluindo itens do período antes de Cristo.

Para o Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro, a Viscondessa destinou a guarda de 54 telas da Missão Artística Francesa, de 1816, outros óleos do acervo do rei D. João VI, além de uma coleção de pintura da escola italiana e da coleção do pintor Eugène Boudin.

Baseada na sua coleção particular, a Viscondessa publicou, em 1889, no Rio de Janeiro, o *Catálogo de Medalhas Brasileiras e das Estrangeiras, referentes ao Brasil*, composto de 115 medalhas, datadas de 1596 a 1888. A primeira edição saiu somente com 25 exemplares, cinco em papel do Japão e 20 em papel de Holanda. A segunda edição, aumentada e ilustrada, foi publicada em Paris, em 1910, com tiragem de 100 exemplares, descrevendo 294 medalhas com datas de 1596 a 1903. As peças estão organizadas de acordo com os seguintes períodos históricos: Brasil Colonial, Ocupação Holandesa, Domicílio Português, Brasil Império, Primeiro Reinado, Segundo Reinado e Brasil República. Em nota de rodapé, a Viscondessa mencionou Zeferino Ferrez, medalhista que veio para o Brasil com a Missão Artística Francesa, como o introdutor da gravura de medalhas no Brasil, em 1830. As edições são muito raras, hoje avaliadas em mais de 2.500 dólares. Existe exemplar na biblioteca do Museu Mariano Procópio.

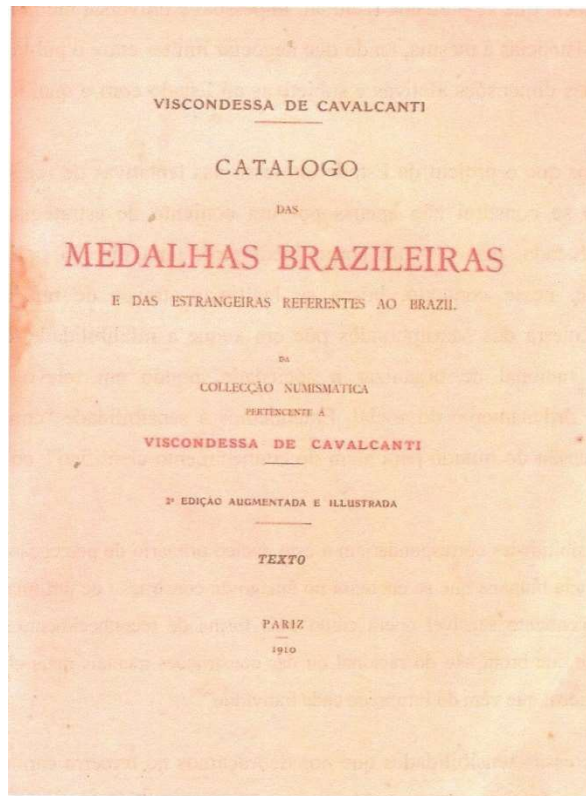


Figura 2: Folha de rosto do *Catálogo das medalhas brasileiras e das estrangeiras referentes ao Brasil*, 1910.

Vale ressaltar que no momento em que as biografias, tão desprezadas pela História no passado, voltam a ocupar corações e mentes dos historiadores, – conscientes de que a História é feita pelos homens –, já a Viscondessa Cavalcanti tinha pensado em organizar um *Dicionário Biográfico Brasileiro*, contendo biografias de pessoas ilustres e tipos característicos do Brasil. O modelo da publicação fugia aos modelos conhecidos à época, visando mais os estudos históricos brasileiros e esperando contar com muitos colaboradores convidados.

AS CIDADES ESCOLHIDAS PARA VIVER

PARIS

Nos primeiros anos dos oitocentos, Paris já vencera as grandes barreiras que impediram o avanço civilizatório no mundo daquela época. A cidade convivia com o novo código civil, outorgado por Napoleão, em 1804. O *Côde Napoleón* abordava questões de direito civil, como as pessoas, os bens e a aquisição de propriedade. Serviu de modelo para mais de 70 países, marcando o traço cultural da sociedade ocidental.



Figura 3: Fotografia capturada por volta de 1877, mostra a vista do alto da Rue Champlain, no 20º Arrondissement (Foto: Musée Carnavalet/Roger-Viollet)

Por outro lado, a famosa boemia parisiense, que nasceu como um fenômeno da Revolução francesa, ligou-se à vida artística, surgiu no contexto das revoluções de 1848, identificando-se com as mudanças ideológicas advindas do Iluminismo. Em consequência de tantos avanços, Paris era o centro cultural da Europa. O *Grand Dictionnaire du XIX Siècle*, de 1867, de *Pierre Larousse*, proclamava Paris, como a cidade modelo universal:

“Londres não é mais do que uma grande cidade, uma aglomeração enorme, o centro de um povo poderoso. Paris, por seu lado, é o lugar comum da vida moderna. É o centro do universo, o coração da humanidade”.²

Na metade do século XIX, a capital francesa sofreu grande transformação com a execução de um radical projeto de reforma urbana, lançado pelo imperador Napoleão III, visando tornar a cidade menos congestionada, melhorias no saneamento, no abastecimento de água e no tráfego da cidade. Para implementá-lo, o imperador nomeou, em 22 de junho de 1853, Georges-Eugène Haussmann, oficial francês, Barão Haussmann, (1809–1891), como prefeito do Sena (1853-1870). Haussmann ocupou este cargo até 1870.³

² RONCYOLO, M. “Changements de L’espaces urbaine”. In Dethier J; Guilheux, A. *La Ville, art et architecture en Europe*, 1870-1993. Paris: Centre George Pompidou, 1994, p.57.

³ Barão de Haussmann, advogado, funcionário público e político, foi prefeito de Paris (1853-1870) nomeado por Napoleão III. Como administrador, planejou uma nova cidade, e, durante 17 anos,



Figura 4: Camille Pissarro - Avenue de l'Opera, 1898 - Musée des Beaux-Arts Reims.

O escritor Honoré de Balzac identificava Paris como:

“o paraíso das mulheres, o purgatório dos homens e o inferno dos cavalos [...] Paris pode ser fundamentalmente linda, maravilhosamente bela, [...] é o objeto do desejo para aqueles que jamais a viram, de felicidade ou infelicidade (segundo a fortuna) para aqueles que a habitam, mas sempre de saudade para aqueles que são forçados a deixá-la”.⁴

E Victor Hugo foi mais além e proclamou que no século XX, haverá uma Nação extraordinária, a Europa, e uma cidade capital, Paris.⁵ O filósofo contemporâneo Walter Benjamin, afirmou, em 1991, que a Europa era, antes de tudo, Paris, capital do século XIX.⁶ O visível salto da literatura também demonstrava a admiração por Paris e pela vida na França. Os momentos de maior agitação política e de maior avanço artístico na cidade do Rio de Janeiro remetem à Revolução Francesa e às revoluções de 1848.

modificou parques, criou novos edifícios, melhorou o sistema de distribuição de água, criou rede de esgotos, modernizando a cidade.

⁴ *Op.cit.* p. 79.

⁵ In: RANGEL, L. M. G. de O. “Eufrásia Teixeira Leite: entre a fantasia e a realidade”. Dissertação de Mestrado em História. Vassouras: USS, 2001, p.80.

⁶ BENJAMIM, W. “Paris, capital do século XIX”. In: Kothe, E. (org.) Walter Benjamin. *Coleção Grandes Cientistas Sociais* (coord. Florestan Fernandes. São Paulo: Ática, 1991, pp. 30-43.

Realmente o século XIX foi excepcionalmente auspicioso para a cidade cosmopolita que abrigava, como ainda hoje, gente de todas as partes: indianos, japoneses, chineses, alemães, americanos do norte e do sul, enfim, brancos, negros e amarelos. Em Paris, viveram os mais representativos intelectuais do mundo da época, como Malharmé, Emele Zola, Victor Hugo.

O ano em que a Viscondessa Cavalcanti chegou a Paris foi decisivo para a história da arte mundial. Fermentava a insatisfação dos artistas com o modelo de pintura oficial. Buscavam novos caminhos e novas formas de expressão. Pintores extraordinários formaram o núcleo impressionista francês: Claude Monet (1840-1926), Pierre Auguste Renoir (1841-1919), Paul Gauguin (1848-1903), Vincent van Gogh (1853-1890), Edgard Hilane Germain de Gás, conhecido como Degas (1834-1917), Julian Morissot (1841-1895), Alfred Sisley (1839-1899), Eugène Boudin, Paul Cézanne (1839-1906) e o membro e patrono do grupo, Gustave Caillebotte (1848-1894).

Abandonando seus ateliês, pintavam as telas, geralmente ao ar livre, demonstrando a preocupação com uma nova visão conceitual da natureza, com clareza e cores, transparência e luminosidade. Suas obras refletiam a vida contemporânea e o paganismo da nova Paris, que eliminara das artes as referências religiosas, mitológicas e históricas. Bons exemplos são os magistrais escultores Rodin e Camille Claudel.

A Cidade Luz era o centro da inteligência. Ali surgiram revistas, periódicos, almanaques, anuários. Inúmeros cursos eram realizados. A Cidade transformava-se e apresentava ao mundo seu universo cultural, seu poder e uma sociedade elegante e atraente. No final do século XIX, Paris sediou duas grandes exposições internacionais: a Exposição Universal de 1889, comemorativa do centenário da Revolução Francesa e na qual foi apresentado a nova Torre Eiffel; e a Exposição Universal de 1900, que apresentou os novos monumentos da cidade, a Ponte Alexandre III, o Grand Palais, o Petit Palais e inaugurou a primeira linha do Metrô parisiense. Nesse espaço em ebulição, merecidamente aclamada por Victor Hugo como a capital do século XIX, viveu a Viscondessa em sua segunda residência, por 26 anos.

RIO DE JANEIRO

A cidade do Rio de Janeiro, de origem da Viscondessa, foi, até o final do século XVIII, uma cidade muito precária, com muitos problemas, de todas as ordens. O maior deles era a falta de higiene, ocasionada pela presença de inúmeros cortiços,⁷ responsáveis pelo grande número de epidemias na cidade. Abrigando várias famílias, os cortiços tornaram-se um perigo para a saúde pública. Eram de difícil extinção, porque muitos dos seus proprietários eram personalidades e pessoas ilustres do Império.

O maior cortiço da cidade era o conhecido “Cabeça de Porco”, com quase 4.000 moradores, situado junto ao Túnel João Ricardo, próximo à Central do Brasil. O nome

⁷ Cortiço – casa de cômodos, habitação coletiva para a classe mais pobre.

adveio de uma enorme cabeça de porco, encimando a entrada principal. A cidade do Rio de Janeiro suja, sem higiene, abrigava uma população analfabeta e beata, mas não fugia do padrão. Firmava-se como o espaço do encontro das etnias. Na camada mais pobre do povo, estava o campesinato, vivendo da agricultura, da pesca e da pecuária. Outros plebeus, como artesãos, possuíam lojas e empregados, que significavam algum capital suficiente para que eles mantivessem suas estruturas e representantes na Câmara Municipal, participando, assim, indiretamente, do governo.

Desde o século XVII, registrava-se grande presença na cidade do Rio de Janeiro de cristãos-novos, que vieram fugindo da Inquisição e/ou em busca das riquezas recém-descobertas. O viajante francês François Froger esteve no Rio de Janeiro em 1695 e disse que, “pelo menos, $\frac{3}{4}$ (três quartos) da sua população era de origem judaica [...]. Entre 1670 e 1720, 66% dos casamentos no Rio de Janeiro foram entre cristãos-novos”.⁸

Na cidade desenvolviam-se os engenhos. O historiador Antonil registrou 160 engenhos na cidade do Rio de Janeiro. A maioria pertencente a esses cristãos-novos.⁹ Não é difícil supor que esse sistema, montado numa estrutura agrária, e com tais características, levasse a uma diferenciação socialmente excludente. A população do Rio fechou o século XVIII com 50.000 habitantes e no início do século seguinte a cidade abrigava, somente no período urbano, 60.000 habitantes, sendo metade negros escravos.

Com a chegada do Príncipe Regente D. João, em 1808, a cidade foi apresentada ao mundo, tomou grande impulso, transformou-se e avançou para o progresso. Tudo foi pensado para que a cidade se tornasse a sede da monarquia portuguesa. Foi uma transformação violenta, brusca, imprevista, que marcou a passagem da provinciana vida colonial para uma ativa e requintada vida cosmopolita. Iniciou-se na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro um período intenso, com muitos progressos de todas as ordens: urbano, político, social e econômico. O espaço urbano perdeu a mesquinha estrutura de cidade colonial, construída sobre brejos e alagadiços, para ganhar novo traçado, com a primeira Lei de urbanização e alargamento das ruas, promulgada dois anos depois da chegada do Príncipe Regente. Caminhos e túneis foram abertos, pântanos aterrados, cemitérios construídos, para o digno enterramento dos mortos, e ruas foram calçadas. Processos novos de urbanização garantiram a modernidade, copiando-se a Cidade Luz.

Uma das primeiras ações de D. João foi a criação da Imprensa, tornada realidade em 1811, com a fundação dos primeiros jornais e revistas no Rio de Janeiro e na Bahia.

O progresso foi sensível. Ciências e Artes muito se desenvolveram com a abertura de Academias, Escolas Militares, Escola Politécnica, escolas régias e a criação de aulas e

⁸ FROGER, François. *Rélation d'un Voyage fait em 1695, 1696, 1697 aux côtes d'Afrique, détroit de Magellan, Brésil. Cayenne et Isles Antilles par une escadre des vaisseaux du Roi, commandée par M. de Gennes faite par le Sieur Froger ingénieur volontaire sur le vaisseau le Faucon Anglois Amsterdam chez les héritiers d'Antoine Schelte*. MDCXCIX, pp. 74-75.

⁹ ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, p. 238.

cátedras isoladas, como a de Economia Política e a de Retórica. Vale lembrar que o grande surto cultural foi a vinda da Missão Artística Francesa de 1816 que, cortando a nossa veia barroca, introduziu no Brasil o estilo neoclássico, em moda na Europa. Os artistas que integraram a Missão, gravadores, pintores, retratistas, medalhistas, arquitetos, iniciaram o estudo sistemático das artes no Brasil. Com eles também vieram numerosos artífices especializados.¹⁰

O ideal da Revolução Francesa estava presente também no imaginário carioca. Até nos periódicos sentia-se essa presença, como por exemplo o *Jornal Voz do Povo*, do Rio de Janeiro, referiu-se “a uma nova era para o operário brasileiro, trazida pelo novo regime, comparável à que foi aberta pela Revolução de 1789”.¹¹

No século XIX, as mulheres ainda tinham uma vida de reclusão e poucas eram alfabetizadas. Eram vistas nas ruas somente quando iam às igrejas, pelas manhãs. Em 1820, surgiu um colégio para ensinar às meninas canto, dança, desenho e geografia. O Seminário São José ensinava geografia, grego, inglês e francês e algumas instituições religiosas criaram escolas femininas, como os conventos de Santa Teresa e o Convento da Ajuda,¹² no Rio de Janeiro.

Quando a cidade foi se modernizando, a artéria principal passou a ser a Rua do Ouvidor. Era a mais elegante, sempre abastecida com os tecidos da moda na França. Nenhuma dama comparecia a um sarau, ou qualquer outra festa, no Rio de Janeiro, sem usar um vestido da Rua do Ouvidor.

Existindo desde 1568, a Rua do Ouvidor teve vários nomes, mas, a partir da chegada de D. João, foi também nomeada Rua da Sé Nova e, em 1897, passou a se chamar Moreira César, em homenagem ao coronel morto em combate com as tropas de Antônio Conselheiro, em Canudos. Maior, entretanto, foi o desejo do povo, que continuou a chamá-la de Ouvidor. Outro jeito não teve a Câmara Municipal senão a de restituir-lhe o antigo nome, em 1916.

¹⁰ BITTENCOURT, Gean Marie e FERNANDES Neusa. *A Missão Artística Francesa de 1816*. 2ª ed. Rio de Janeiro: MEC, 1967.

¹¹ CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.12.

¹² O Convento da Ajuda surgiu em 1750, localizava-se na atual Cinelândia, ocupando os espaços do Cine Odeon até à Câmara dos Vereadores. “O primitivo mosteiro feminino de monjas de Santa Clara foi erguido no Rio de Janeiro em meados do século XVIII sob o governo de Gomes Freire de Andrade, com traça do engenheiro-militar português José Fernandes Pinto Alpoim. Seu nome correto é Convento de Nossa Senhora da Conceição da Ajuda. Foi demolido em 1911 para dar lugar a um parque de diversões e eventos administrado por Francisco Serrador, cuja construção foi apelidada pela população carioca de “Mafuá”. Posteriormente este mesmo empresário propiciou nos anos 20 a urbanização da área para a construção de prédios comerciais, hotéis e principalmente cinemas, surgindo daí a Cinelândia que atualmente dá nome à Praça Floriano Peixoto, no centro da cidade. Com a referida demolição em 1911, o convento foi transferido para um casarão na Tijuca, para a Rua Almirante Cochrane, que à época ainda era parte integrante da rua Mariz e Barros. Nos anos 20 o convento foi novamente transferido, desta vez definitivamente, para a Rua Barão de São Francisco, n.º 385, em frente à praça Barão de Drummond, no bairro de Vila Isabel. No convento foi sepultado o corpo da Rainha Maria I de Portugal.”

Na avaliação de Joaquim Manuel de Macedo, a rua era também,

“a mais passeada e concorrida, e mais leviana, indiscreta, bisbilhoteira, esbanjadora, fútil, noveleira, poliglota e enciclopédica de todas as ruas da cidade do Rio de Janeiro”.¹³

O espaço de maior agitação era o que abrange os quarteirões em torno do Largo de São Francisco, então conhecido como Praça Coronel Tamarindo, até à Rua dos Ourives, atual Gonçalves Dias. Nesse trecho localizaram-se as mais sofisticadas lojas, apresentando “comerciários bem uniformizados, limpos, barbeados, com belos sorrisos e falando francês diárias, e os armazéns de secos e molhados”.¹⁴

Encontravam-se ainda “floristas, fotgrafistas, dentistas, quinquilharistas, confeitarias, charutarias, livrarias, perfumarias, sapatarias, rouparias, alfaiates, hotéis, espelheiros, ourivesarias, fábricas de instrumentos óticos, acústicos, cirúrgicos e elétrico [...] e vulcões de ideias que são as gazetas diárias e os armazéns de secos e molhados”.

A Rua do Ouvidor também ficou conhecida como a da Imprensa. Nela instalaram-se muitos jornais: *Jornal do Commercio*, *Diário de Notícias*, *A Nação*, *O País*, *Gazeta de Notícias*, *Correio da Manhã*, *A Notícia*, *A Reforma*, *A República*, *A Folha Popular*, *A Imprensa* e as *Revistas Semana Esportiva* e *O Malho*. Inovações, como o telefone, o cinematógrafo, a vitrine, a primeira linha de bonde e até o primeiro motel chegaram primeiro à Rua do Ouvidor. Era o lugar frequentado pela intelectualidade carioca: Olavo Bilac, Coelho Neto, Rui Barbosa, Emílio de Menezes, Paula Nei, Joaquim Manuel de Macedo, Quintino Bocaiúva, dentre outros, que marcavam presença nos cafés e confeitarias famosos da via, como o Londres e a lendária Paschoal, com suas mesas de mármore preto.

Modistas de renome na Europa ali se instalaram, como Madame Catelineau, casada com Antonio Amedée Catelineau, cabeleireiro, nascido em Paris. A princípio, o casal abriu loja na Rua do Rosário, 34 e depois transferiu-se para a Rua do Ouvidor, 63. Três anos depois, já o jornal *Gazeta do Rio de Janeiro* anunciava que *monsieur* era o mestre cabeleireiro da família real. Em 14 de novembro de 1821, *Monsieur Catelineau* partiu para Lisboa, acompanhando Sua Majestade e deixou procuração para a sua mulher. Outras modistas francesas famosas abriram ateliês, não só na Rua do Ouvidor, mas também nas vizinhas Ruas da Quitanda e do Rosário, como Madame *Josephine*, que abriu um armazém com variedade de plumas, flores, chapéus, bordados, adornos recebidos diretamente das melhores fábricas de Paris. Madame *Eugénie Dol* abriu “grande fábrica de camisas de todas as qualidades, oferecendo ainda aos seus clientes: morins, linhos, cambraias, meias para homens, gravatas, camisolas de peitos de camisa

¹³ MACEDO. Joaquim Manuel de. *Memórias da Rua do Ouvidor*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005, p. 9.

¹⁴ *Op.cit.* p, 101.

bordados e de fantasia, *lingeries* para senhoras, enxovais para crianças, fustão, musselines, [...] flanela, tiras bordadas, entremeios, saias, camisas de senhoras, lisas e bordadas [...]”. E mais madame *Finot*, florista, e Madame *Catherine Dazon*, costureira, que passou a figurar nas listas do *Almanak*, em 1849.¹⁵



Figura 5: Esquina da Rua do Ouvidor com a Avenida Central. Cartão postal. Casa Staffa, Rio. Acervo particular.

Os cariocas sentiam-se atraídos pelos bailes e saraus, pelos saudáveis banhos de mar, pelas corridas no Prado Fluminense e no Jóquei, pelas regatas no Flamengo e pelos passeios. Os logradouros prediletos da população eram o Paço Imperial e o Passeio Público, com seu chique terraço sobre o mar. O local era o ponto de encontro da sociedade carioca que ali comparecia para romancear e apreciar as belezas da baía da Guanabara.

¹⁵ MENEZES, Lená Medeiros de. “Francesas no Rio de Janeiro: modernização e trabalho, segundo o Almanaque Laemmert (1844-18961)”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n 423, pp.11-32.



Figura 6: Cartão- Postal. Acervo particular.



Figura 7: Na parte posterior do Passeio Público, de frente para o mar, havia dois edifícios, unidos por pérgulas, o Teatro – Cassino e o Cassino Beira- Mar.

Com tantos avanços, natural foi a cidade se preparar para receber turistas e visitantes. Dentre os melhores hotéis, destaque para o Hotel dos Estrangeiros, localizado na Praça José de Alencar, num bairro nobre do Rio de Janeiro. Era o hotel de maior prestígio na capital do Brasil, por volta de 1865. Os *folders* de divulgação do hotel eram escritos em francês, de acordo com as normas da *belle époque* e transpareciam a sofisticação do estabelecimento. Possuía um excelente serviço, capaz de atender, com presteza, aos hóspedes dos seus 120 quartos, alguns com mais de um cômodo, preparados que foram

para hospedar famílias inteiras. Oferecia água quente e fria, inúmeros jogos, leitura, banquetes, transportes, carris e tálburis; refeições completas e a minuta, também com dietas médicas, lavanderia, oficina para reparo de malas, tudo para o conforto dos hóspedes.



Figura 8: Cartão Postal. Acervo particular

O Ato Adicional de 1834 transformou a cidade do Rio de Janeiro em Município Neutro, destacando-a da Província do Rio, até 1889, quando a República torna-a capital sede do governo republicano.

Em 1838, duas fundações de importância capital para a história cultural da cidade do Rio de Janeiro foram o Colégio Pedro II e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, cujo primeiro presidente foi Machado de Assis e o primeiro-secretário Joaquim Nabuco.

Em 1875, a Comissão de Melhoramentos da Cidade do Rio de Janeiro estabeleceu ações para a melhoria de vida na cidade, por meio de um planejamento urbano, visando ao alargamento das ruas, à abertura de novas praças e vias, criando condições higiênicas e dando um arejamento maior à cidade. A responsabilidade da execução coube ao engenheiro Pereira Passos, integrante da referida Comissão, que promoveu uma verdadeira revolução na cidade do Rio de Janeiro.

Conhecido como o *Haussman* brasileiro,¹⁶ Pereira Passos promoveu quatro anos de transformação urbana: declarou guerra aos ambulantes, aos quiosques e aos cortiços; alargou ruas, demoliu morros, embelezou a cidade com a colocação de repuxos, estátuas, coretos e pavilhões; construiu casas operárias, enfim, mudou o perfil da cidade, cumprindo o determinado pela Comissão de Melhoramentos. Nos meados do século XIX, surgiram os primeiros transportes, desaparecendo a rede usada no Rio colonial. Mais tarde, surgiram os primeiros bondes puxados a burros, que ligavam o elegante bairro de Botafogo à bucólica Tijuca. Foram iniciados os trabalhos de construção da Estrada de Ferro D. Pedro I.

Em expedições científicas importantes, visitaram a cidade do Rio de Janeiro muitos sábios estrangeiros, alguns em companhia de D. Leopoldina, primeira imperatriz do Brasil: Barão Guilherme Von Eschwege (autor de *Pluto Brasiliensis*); Saint-Hilaire (autor da *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*); Spix e Martius autores de *Viagem pelo Brasil e Flora Brasiliensis*; John Mawe, Pohl, Mikan, Von Natterer e outros. Destacaram-se cientistas brasileiros, como Alexandre Rodrigues Ferreira, autor da *Viagem Filosófica* e Frei José Mariano da Conceição Veloso, autor da *Flora Fluminense*; historiadores como Monsenhor Pizarro, com suas *Memórias Históricas*; Balthazar da Silva Lisboa, autor de *Anais*; Aires de Casal e sua famosa *Coreografia Brasílica*, jornalistas, como Januário da Cunha Barbosa e Hipólito da Costa, somente para lembrar alguns, dentre as dezenas de eruditos homens das letras e das artes, que fizeram a imprensa séria e bem-humorada do Império.

Nesse momento histórico, o Rio de Janeiro já era uma cidade musical. Movimentava-se embalada por muitos sons: as tropas de negros, os chamados “tigres” que levavam à cabeça os dejetos e os artigos de uso doméstico para o lixo das valas, carregavam também chocalho de cabaça com franjas, cantarolavam e marcavam o compasso da marcha. Outro colorido musical davam à cidade os pregões¹⁷ dos vendedores ambulantes, cantos de trabalho, comuns no Rio antigo.

Nos meados do século, músicos como Carlos Gomes, Padre José Maurício e Marcos Portugal consolidaram a música erudita no Rio. O visível salto da literatura também demonstrava a admiração por Paris e pela vida na França. Os momentos de maior agitação política e de maior avanço artístico na cidade do Rio de Janeiro remetem à Revolução Francesa e às revoluções de 1848. Este foi o período das grandes e importantes transformações políticas e sociais no Brasil, como a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República, demandas vinculadas ao projeto de modernização do país.

¹⁶ Ver: BECHIMOL, Jaime LARRY. *Pereira Passos: um Haussmann Tropical*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria de Cultura, DGDI, 1990, p.135.

¹⁷ Pregões foram uma forma habitual de anúncio, a que os vendedores ambulantes recorriam através de pequenas melodias, que se tornavam pontuais na rotina dos lugares por onde eles perambulavam. Ver: FERNANDES, Neusa. “Pregões do Rio”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro*, 1996/1997, pp. 85- 94.

O progresso mudou bastante a vida social. Surgiram importantes casas de espetáculos, como o Real Teatro São João, depois Constitucional Fluminense, São Pedro de Alcântara e João Caetano. Mais luxuoso, frequentado pelo Imperador era o Teatro D. Pedro II, que, com o advento da República, passou a se chamar Teatro Lírico, situado na Rua da Guarda, hoje Treze de Maio. Era um teatro espaçoso, com 1.400 lugares, diversas ordens de frisas e de camarotes, além do camarote imperial. Suas cadeiras eram de jacarandá, com pés de cachimbo, assento de palhinha e braços com recortes curvos, presentes também no encosto. Na tabela central, uma placa de esmalte preto e branco, com a letra e o número da poltrona.

Pelo seu palco passaram grandes nomes da cena lírica e da comédia, como as atrizes Réjane e Sarah Bernhard. Vale registrar que, em 1922, o Teatro Lírico diversificou suas apresentações e recebeu da Europa a Companhia Bataclan, que apresentou revista maliciosa e alegre. Tamanho foi o sucesso que logo depois o Teatro apresentou outra temporada de revista, com a Companhia Velasco. Para assistir aos seus espetáculos, o teatro tinha transporte próprio, um luxuoso bonde apelidado pelos cariocas de “Ceroulas”, com bancos forrados de brim branco, para não sujar a roupa dos passageiros.



Figura 9: Bonde Ceroulas, 1912, Malta. Acervo fotográfico da Light.

Para a classe dominante, o acontecimento social mais importante realizava-se nos suntuosos salões de festas, abertos para as grandes orquestras europeias, onde

aconteciam os famosos bailes e elegantes saraus que marcaram o período de maior fulgor do Rio.

OS SALÕES DO RIO NOS OITOCENTOS

Frequentados pela Corte, os salões eram espaços de sociabilidade, onde a efervescência político-cultural se desenvolvia, complementando as discussões iniciadas nas associações literárias e científicas, nos cafés, nas livrarias e nas redações dos jornais. Bailes, saraus e recitativos literários famosos aconteciam nos salões da Marquesa de Abrantes, da Viscondessa de Silva, da Baronesa do Catete, da Baronesa da Bela Vista, da Casa de Rui Barbosa. Um dos mais requintados eram os salões da Viscondessa Cavalcanti, na Rua Senador Vergueiro, antigo número 40, projeto do arquiteto italiano Pedro Bozizio. Os grandes espaços do palacete abrigavam mobiliário francês e significativas obras de arte. Com intensa vida política e social, abriam-se semanalmente para os tradicionais saraus culturais, frequentados pela alta sociedade da época, políticos, literatos, eminentes músicos, diplomatas, jornalistas, médicos.

Os saraus eram o encontro social de elite da época, onde além da música e da dança, empolgavam a poesia, o teatro, a inteligência e o bom humor. Espaços predominantemente masculinos, com forte influência feminina, neles, se exercitava o debate político, discutiam-se os problemas sociais mais agudos, como a escravidão, a imigração, as mudanças dos hábitos, ocorridos desde a chegada da família real, que revolucionou a tímida cidade, transformando-a em sede da monarquia portuguesa.

Em geral, começavam às 10 horas da noite e terminavam por volta de 1 ou 2 horas da madrugada. Naturalmente o acontecimento dinamizava os donos da casa, que deveriam dar atenção a todos os convidados. Serviam-se doces e salgados, com bebidas finas, água, licores e vinho.

Os saraus eram recitativos, acompanhados muitas vezes de violino, piano e canto. Em 1844, Joaquim Manuel de Macedo, no seu romance *A Moreninha*, escreveu suas impressões a respeito:

“Um sarau é o bocado mais delicioso que temos, de telhado abaixo. Em um sarau todo mundo tem o que fazer; o diplomata ajusta, com um copo de champagne na mão, os mais intrincados negócios; todos murmuram, e não há quem deixe de ser murmurado: o velho lembra-se dos minuets e das cantigas do seu tempo, e o moço goza todos os regalos de sua época; as moças são no sarau como as estrelas no céu; estão no seu elemento; aqui uma cantando suave catarina, eleva-se vaidosa nas asas dos aplausos, por entre os quais surge às vezes um bravíssimo inopinado, que solta lá da sala do jogo o parceiro que acaba de ganhar sua partida do écarté mesmo na ocasião em que a moça se espicha completamente desafinando um suspenso; daí a pouco vão outras, pelos braços de seus pares, se deslizando pela sala e marchando em seu passeio, mais a compasso que qualquer de nossos batalhões da Guarda

Nacional, ao mesmo tempo, que conversam sempre sobre objetos inocentes, que movem olhaduras e risadinhas apreciáveis. Outras criticam de uma gorducha vovó, que ensaca nos bolsos meia bandeja de doces que veio para o chá, e que ela leva aos pequenos que, diz, lhe ficaram em casa. Ali vê-se um ataviado dandy, que dirige mil finezas a uma senhora idosa, tendo os olhos pregados na sinhá que senta-se ao lado. Finalmente, no sarau não é essencial ter cabeça nem boca; porque para alguns é regra durante ele, pensar pelos pés e falar pelos olhos¹⁸”.

Obrigatório era o traje a rigor. Senhoras de longo com cauda, e senhores de *smoking*. As cores variavam entre o preto, rosa-claro, branco e verde-água. As damas preferiam tons suaves e completavam o traje com joias de rainhas. Usavam como proteção, xales e capas, que eram retirados à entrada. Enriqueciam ainda mais o luxo dos trajes, os braceletes, adereços de brilhantes, pentes de tartaruga, marfim e madrepérola, além das mais belas joias de rubis, de pérolas e brilhantes, caprichosamente confeccionadas pelos ilustres joalheiros João Joaquim Calhois e José Calazãs. Completavam a indumentária os mais ricos leques. Os mais antigos eram feitos de madeira, pedras preciosas, pergaminho e, mais tarde, de plumas, de marfim, de papel pintado, de tecido, seda, renda, cetim, organdi, de sândalo, de tartaruga.¹⁹

No Brasil, chegaram em 1808, com a família real portuguesa. Eram meio de comunicação das damas com os cavalheiros e obedeciam a uma linguagem amorosa singular, uma espécie de código com seguinte tradução.

Tabela 1: Código dos Leques

| | |
|----|---|
| 1 | Leque colocado próximo ao coração: “você me conquistou...” |
| 2 | Leque fechado tocando o olho direito: “quando poderemos nos ver?” |
| 3 | Segurar o leque com algumas varetas expostas respondia à pergunta: “a que horas?” |
| 4 | Movimentos bruscos com o leque fechado: “não seja imprudente!” |
| 5 | Encostar a alça do leque nos lábios: “você pode me beijar...” |
| 6 | Mãos entrelaçadas segurando o leque aberto: “perdoe-me...” |
| 7 | Leque aberto cobrindo a orelha esquerda: “não traia nosso segredo!” |
| 8 | Esconder os olhos sob o leque aberto ou passa-lo pelo queixo: “eu te amo.” |
| 9 | Fechar um leque totalmente aberto lentamente: “prometo me casar com você...” |
| 10 | Passar o leque sobre os olhos: “lamento.” |

¹⁸ MACEDO, Joaquim Manoel de. *A Moreninha*. Rio de Janeiro: L&PM, 2010, p. 118.

¹⁹ Os leques existem desde séculos antes de Cristo. De origem chinesa, eram enormes e movimentados pelos escravos. Foram trazidos do Japão, pelos portugueses na época dos grandes descobrimentos e logo a novidade se espalhou pela Europa. Tomou conta da Corte francesa e dos salões europeus, inspirando poetas e pintores. Nessa época, as damas os prendiam à cintura com delicadas e artísticas correntinhas.

| | |
|----|--|
| 11 | Tocar o dedo na ponta do leque: “quero conversar com você.” |
| 12 | Deixar o leque apoiado sobre a bochecha direita: “sim.” |
| 13 | Deixar o leque apoiado sobre a bochecha esquerda: “não.” |
| 14 | Abrindo e fechando o leque várias vezes: “você é cruel!” |
| 15 | Deixar o leque cair: “seremos apenas amigos.” |
| 16 | Abanar-se devagar: “sou casada.” |
| 17 | Abanando-se rápido: “sou noiva.” |
| 18 | Abrir o leque totalmente: “espere por mim.” |
| 19 | Colocar o leque atrás da cabeça: “não se esqueça de mim.” |
| 20 | Colocar o leque atrás da cabeça com o dedo estendido: “adeus.” |
| 21 | Colocar o leque com a mão esquerda em frente à face: “quero conhecê-lo.” |
| 22 | Prender o leque sobre a orelha esquerda: “quero me livrar de você.” |
| 23 | Esconder-se atrás do leque: “Não quero mais te ver.” |
| 24 | Passar o leque sobre a testa: “você mudou.” |
| 25 | Girar o leque com a mão esquerda: “estamos sendo observados.” |
| 26 | Girar o leque com a mão direita: “amo outra pessoa.” |
| 27 | Carregar o leque aberto com a mão direita: “você está muito decidido.” |
| 28 | Carregar o leque aberto com a mão esquerda: “venha falar comigo.” |

Fonte: Arquivo do Museu Imperial em Petrópolis e Museu Casa Benjamim Constant.

LEQUE DE AUTÓGRAFOS

Singular e emblemático era o famoso leque da Viscondessa Cavalcanti. Inteiramente branco, de papel de seda, fina madeira e metal, com 102 cm de abertura, 35 cm de raio, contendo coleção de autógrafos e mensagens escritas por personalidades, brasileiras e estrangeiras, ao longo de 55 anos. O leque da Viscondessa contém assinaturas de ambos os lados, das mais importantes personalidades da época, artistas plásticos, políticos, compositores, escritores, cientistas e políticos. Todos reconhecidamente consagrados, em suas áreas. A coleção de assinaturas se iniciou na cidade de Cannes, em 31 de dezembro de 1890, com o autógrafo de D. Pedro II, acompanhada de um inédito soneto, onde são destaques os versos: “Nada há mais sublime que a amizade. Não envelhece, revigora com a idade”. No dia seguinte, assinaram também o leque a Princesa Isabel, o Conde d’Eu e os netos Luís e Antônio, com a dedicatória: “Que 1891 lhes traga todas as felicidades. É o que de coração lhes desejam”. De Cannes, onde o imperador estava exilado, o leque seguiu para Paris, Lisboa e Rio de Janeiro, retornado ao final de 1891 para França, por ocasião da morte de D. Pedro II, em 5 de dezembro de 1891. Nesse mesmo ano, assinaram o leque quatro pintores retratistas parisienses, detentores da Cristo; *Léon Bonnat* (1838-1922), representou no leque o autorretrato Carolus Duran (1837- 1917) membro fundador da *Société Nationale des* legião de honra e de prêmios

importantes, nos salões oficiais: *Jean Beraud* (1849-1936), desenhou no leque da Viscondessa Madalena aos pés de *Beaux –Arts*, desenhou no leque jovem de seios nus e braços para o alto, segurando na mão direita um pandeiro. Ainda nesse ano de 1891, o amigo da Viscondessa, Raimundo Madrazo (1841-1920) desenhou no leque o busto de sua modelo Aline Masson, tal qual a representara no óleo s/tela *Pierrette*, feito em Madrid, para uma coleção particular e que atualmente se encontra no Museu de Belas Artes, no Rio de Janeiro. A convite da Viscondessa, o artista pintou o retrato de sua filha Estela. Presentes ainda os artistas plásticos Rodolfo e Henrique Bernardelli e Pedro Weingarnter, jovem pintor reconhecido pela crítica como um artista completo. O consagrado pintor João Zeferino da Costa também assinou o leque, em 1896, em Roma, onde se encontrava preparando a decoração da Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro. Também conhecidos escritores, como Machado de Assis, Gustavo Barroso, Alexandre Dumas Filho, que nele registrou sua famosa frase: “O que lamento é que o gênio tenha limites e que a estupidez não a tenha”.²⁰

Marcaram presença escritores portugueses como Antero de Quental, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro e Eça de Queirós que no leque registrou:

“Este velho e tão louvado Aforismo: a Mulher, na sua beleza, é mais forte, que um Exército posto em batalha – foi certamente escrito por Salomão no leque de pergaminho e sândalo da Rainha de Sabá”.

Também o teatro se fez presente nas assinaturas do leque da Viscondessa, com o ator da *Comedie Française*, *Constant Coquelin* (1841-1909). Outro artista Léon Bonnat²¹ registrou o seu autorretrato No mês de novembro, enriqueceram o leque as assinaturas do compositor e pianista Artur Napoleão (1843-1925)²², que registrou *Ricordati Romance Varie*, identificado pelo seu número de opus *Ricordati*, op. 66, composto em 1885 e Carlos Gomes (1836-1896), recém chegado da Itália, instalado na rua do Ouvidor 134, vizinho de Artur Napoleão, editor de muitas de suas composições. No leque, Carlos Gomes escreveu um trecho da partitura de sua obra *Lo Schiavo*.

O escritor e crítico literário Victor Cherbuliez²³ (1829-1899), suíço naturalizado francês, membro da Academia francesa, tinha 61 anos quando assinou o leque da Viscondessa, em 1896, em Paris. Outras personalidades como Rafael Bordalo, Tommaso Salvini,

²⁰ Dumas Filho era frequentador de importantes salões franceses, sobretudo os que se caracterizavam como encontros literários, a exemplo do salão de Madame Caillavet e o da Madame Straus, onde pontuava Mathilde Bonaparte, prima de Napoleão III (1820-1904).

²¹ Artista admirado por D. Pedro II, teve em 1891, ano de glórias, quando transferiu suas obras do Museu de Luxemburgo para o Museu do Louvre. Expôs no Cercle de Union artistique, salão aristocrático, criado em 1860, com o objetivo de aproximar artistas da aristocracia francesa.

²² Além de compositor e pianista, Artur Napoleão era editor, proprietário de uma famosa editora na Rua do Ouvidor, 89, frequentada por Machado de Assis e outros intelectuais da época.

²³ Em 18 de dezembro de 1888, em Cannes, foi convidado a visitar o Brasil, pelo imperador D. Pedro II.

Joaquim Nabuco, Afonso Celso, Alberto Santos Dumont, Oliveira Lima, Getúlio Vargas e outros também deixaram seus autógrafos.

Era comum nos leques as assinaturas de artistas, pintores e músicos. O leque original da Viscondessa Cavalcanti inovou, recebendo assinaturas de cientistas, como o professor de física matemática da *Sourbonne*, Gabriel Lippmann²⁴ (1845-1921). No início da República, o leque já contava com 25 assinaturas e, ao todo, contabilizou 68 assinaturas. As escolhas dessas assinaturas transparecem a vontade da Viscondessa em estruturar uma coleção de autógrafos, privilegiando intelectuais, artistas plásticos, escritores, compositores, atores, cientistas e políticos. A Viscondessa foi a última a colocar sua assinatura no seu leque, em 1945. A preciosidade faz hoje parte do acervo do Museu Mariano Procópio.

Moedas foram outra importante coleção da Viscondessa Cavalcanti, que possuía significativo acervo de medalhas valorizadas pelas duas mais antigas: *Sidere Proficiant Dextro Neptunioa* Regina, cunhadas em 1596 e referentes às expedições comerciais dos holandeses. E a medalha René Duguay- Trouin, referente ao navegador francês que, com oito fragatas e 5.684 homens invadiu a cidade do Rio de Janeiro, em 1711.

A Viscondessa Cavalcanti foi sócia correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, admitida em 1910.

Faleceu no Rio de Janeiro, em 21 de fevereiro de 1946, aos 94 anos de idade.

No salão nobre da sede do Instituto Histórico e Geográfico do Pará encontram-se retratos da Viscondessa e do seu marido, obras do pintor Labatut, doados àquela instituição pela irmã do Visconde, Virgínia Cavalcanti de Albuquerque.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, Vera Cabana Queirós de. “Nos salões da Viscondessa Cavalcanti”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro*. Ano 23. Número 23, 2016, pp.225-243.

BARATA, ALMEIDA C.E. de; CUNHA Bueno, A.H. *Dicionário das Famílias Brasileiras*. Rio de Janeiro: Ibero América, s.d.

BITTENCOURT, Jean e FERNANDES, Neusa. *A Missão Artística Francesa de 1816*. 2ª ed. Rio de Janeiro: MEC, 1967.

BRAVARD, Alice. “Le Cercle aristocratique dans la France bourgeoise. 1888-1939”. Paris: *Histoire, économie & société*, 2011.

BLAKE, A.V. Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970.

²⁴ Reconhecido por seus trabalhos em ótica e eletricidade, desenvolveu vários instrumentos. Desde 1896, estudava a reprodução fotográfica da cor. Em 1908, recebeu o prêmio Nobel de Física. Companheiro de D. Pedro II nos estudos ligados à fotografia na Academia de Ciências.

- CARVALHO, José Murilo de. NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. (org.) *Repensando o Brasil dos Oitocentos: Cidadania, política e liberdade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas. Sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2011.
- FERNANDES, Neusa. *Eufrásia e Nabuco*. 2ªed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2014.
- FREITAS, Moanne Barbosa de. “A Música no Leque da Viscondessa de Cavalcanti”. Trabalho apresentado para aproveitamento da disciplina Patrimônio Histórico II da Faculdade de História da UFJF, 2014.
- PINHO, Wanderley. *Salões e Damas do Segundo Reinado*. São Paulo: Livraria Martins, 1942.
- RONCYOLO, M. “Changements de L’espaces urbaine”. In: Dethier J; Guilheux, A. *La Ville, art et architecture en Europe, 1870-1993*. Paris: Centre George Pompidou, 1994, p.57.
- SCHUMACHER, Schuma; BRASIL, Érico V. (org.) *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- TAUNAY, Afonso de E. *O Senado do Império*. Distrito Federal: Senado Federal, 1978.

FONTES:

- Diário do Imperador D. Pedro II*. (1840-1891). Arquivo do Museu Imperial, Petrópolis. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. v. X n. 588. N.455, 1905 e 1910.
- Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro*. Ano 23. Número 23, 2016.
- Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro*, 1996/1997, pp. 85-94.